

As múltiplas temporalidades da infraestrutura: cidades atômicas e a memória de futuros perdidos

A obra inacabada de Fausto é o terreno vibrante e instável sobre o qual todos nós temos que vigiar e construir nossas vidas (BERMAN, 1983, p. 86).

Leila Dawney¹

ORCID: 0000-0001-9432-7095

Resumo: As usinas nucleares, com sua promessa de energia a baixo custo e sem limites, são arquetípicas do progresso da modernidade. Ao reconhecermos os limites do progresso industrial e do capital baseado no crescimento, lugares onde o sonho acabou, cujos habitantes estão encontrando modos de vida em meio à transição oferecerem ontologias práticas emergentes baseadas em manutenção, bricolagem e necessidade. Através de um estudo de caso da cidade atômica de Visaginas, na Lituânia, este artigo aborda a questão sobre como dar conta das formas de vida que surgem em um contexto de esgotamento da alta modernidade. Aqui, infraestruturas operam como recursos culturais e materiais residuais para ontologias práticas e para a construção do mundo pós-progresso. Com base em uma discussão sobre a estética política da infraestrutura, sugiro que sua transição ontológica envolve o que Mark Fisher descreve como a “memória de futuros perdidos”, um futuro anterior que, através dos restos de conexões materiais, de tecnoculturas e de memória cultural fornece limites e condições para formas de vida emergentes “pós-progresso”.

Palavras-chave: Antropoceno. usinas nucleares. cidade atômica. mito do progresso.

¹ Atualmente é professora da Universidade de Exeter, trabalhou na Universidade de Brighton, no Departamento de Sociologia da Goldsmiths, Universidade de Londres, e no Departamento de Sociologia da Universidade de Warwick. Possui doutorado em Geografia Cultural na Universidade de Exeter, com bolsa da AHRC. É membro do coletivo de pesquisa Authority Research Network que publicou o livro “Power and the Commons: the promise of alternative futures”. Página profissional: https://geography.exeter.ac.uk/staff/index.php?web_id=Leila_Dawney.

Abstract: Nuclear power plants, with their promise of boundless cheap energy, are archetypal figures of progress in modernity. As we acknowledge the limits of industrial progress and growth-based capital, places for where the dream is now over, and whose inhabitants are finding ways of living through its transition, offer emergent practical ontologies based on maintenance, bricolage and necessity. Through the case of the atomic city of Visaginas, Lithuania, this paper addresses the question of how to deal with forms of life that emerge in the aftermath of high modernity. Here, infrastructures operate as residual cultural and material resources for practical ontologies and world building after progress. Building on emerging scholarship on the political aesthetics of infrastructure, I suggest that their ontological transition involves what Fisher describes as the ‘memory of lost futures’, a future anterior that, through the remains of material connections, technocultures and cultural memory, provide limits and conditions for emergent ways of living ‘after progress.

Keywords: Anthropocene. nuclear power plants. atomic city. myth of progress.

Resumen: Las plantas de energía nuclear, con su promesa de energía ilimitada y de bajo costo, son el arquetipo del progreso moderno. A medida que reconocemos los límites del progreso industrial y del capital basado en el crecimiento, los lugares donde el sueño se acabó, cuyos habitantes encuentran formas de vida en medio de la transición, ofrecen ontologías prácticas emergentes basadas en el mantenimiento, el bricolaje y la necesidad. A través de un estudio de caso de la ciudad atómica de Visaginas, en Lituania, este artículo aborda la cuestión de cómo hacer frente a las formas de vida que surgen en un contexto de agotamiento de la alta modernidad. Aquí, las infraestructuras operan como recursos culturales y materiales residuales para ontologías prácticas y para la construcción del mundo post progreso. Con base en una discusión sobre la estética política de la infraestructura, sugiero que su transición ontológica implica lo que Mark Fisher describe como la “memoria de los futuros perdidos”, un futuro anterior que, a través de los restos de conexiones materiales, tecnoculturas y memoria cultural, establece límites. y condiciones para formas de vida emergentes “post progreso”.

119

Palabras clave: Antropoceno. plantas de energía nuclear. ciudad atómica. mito del progreso.

Introdução

Visaginas, na Lituânia, era uma cidade atômica, uma *atomgrad*: sua monoindústria se faz perceber nos playgrounds onde as crianças sobem em estruturas com formato de partículas subatômicas, nas enormes tubulações que levavam água quente da usina nuclear para a cidade e através dos radiadores em cada apartamento que nunca podiam ser desligados. O rastro da indústria é evidente na reunião de corpos para lembrar colegas e amigos perdidos no desastre de Chernobyl, nas memórias de infância dos exercícios de emergência e nas sirenes dos edifícios.

A energia nuclear está enredada na cidade. Como a cidade satélite da usina nuclear Ignalina II, Visaginas está inscrita no espaço e nos corpos dos que lá vivem. A usina foi construída entre o final dos anos 1970 e 1980. Seu descomissionamento foi demandado como condição de entrada da Lituânia na União Europeia. O Estado lituano concordou em fechar a usina em 2000, sendo o primeiro reator desativado em 2004 e o segundo em 2009. O processo de desativação continuará pelos próximos trinta anos. Enquanto um grande número de habitantes deixou a cidade para explorar as oportunidades oferecidas pela livre circulação de mão de obra na União Europeia, muitos ficaram para trabalhar no descomissionamento ou vivem do dinheiro da aposentadoria ou do trabalho alternativo e fragmentado disponível.

As usinas nucleares, com sua promessa de energia de baixo custo e sem limites, são arquetípicas do progresso da modernidade². Marshall Berman descreve como o impulso faustiano de uma grande infraestrutura se materializou nos sonhos utópicos da economia planejada socialista (BERMAN, 1983, p. 393). Como ciclos de criação e destruição caracterizam o impulso modernista, assim Berman mapeia o seu apagamento da vida, do amor e do trabalho através das personagens Filemon e Baucis no *Fausto*, um casal de idosos que viviam felizes em um bosque antes de Fausto ordenar a apreensão de sua propriedade, levando ao assassinato do casal. Os dois se tornariam “as primeiras encarnações na literatura de um grupo de pessoas que se tornaria muito numeroso na história moderna: pessoas que estão no caminho - no caminho da história, do progresso, do desenvolvimento; pessoas que são classificadas e descartadas como obsoletas” (BERMAN, 1983, p. 67).

Visaginas é uma prova dos grandes esquemas da modernidade socialista, mas também de sua morte. Estas pessoas escolhidas da União Soviética, técnicos, físicos e instrutores que asseguraram a expansão ocidental da URSS, são agora

vistas como colonos e abjetos pela Lituânia independente, e se aposentaram, tornaram-se redundantes ou estão fazendo o lento trabalho de desativar a usina que eles e suas famílias construíram.

Porém, apesar da obsolescência planejada de um lugar e de seus habitantes, aqueles que ficam estão encontrando maneiras de construir vidas significativas após as promessas fracassadas do progresso da modernidade. Ao invés de estarem “no caminho” do progresso, eles são responsáveis por seu desmantelamento ativo e executam o sepultamento de suas promessas não cumpridas. E apesar do desmantelamento, do desgaste e da destruição material do telos infraestrutural da cidade, esta se mantém unida. Isto sugere que a temporalidade do progresso e sua posterioridade pode ser mais complexa que a destruição criativa e o abandono característico das personagens de Berman. Ao evitarmos temporalidades de progresso e declínio (ver DAWNEY, 2020a), podemos abordar as geografias específicas de contextos de pós-progresso da modernidade, e como narrativas e imaginários do passado se desdobram através das formas complexas e múltiplas através das quais lugares são refeitos.

O artigo a seguir trata de um exemplo material e experiencial da vida após a morte da modernidade. O que resta quando os megaprojetos de infraestrutura do Estado se retraem, a tecnologia é gradualmente interrompida e as transições políticas abandonam lugares em seu rastro? A discussão recente sobre infraestrutura nas Ciências Sociais é aqui refratada através da etnografia para argumentar que o fim do projeto de infraestrutura da promessa nuclear soviética dispõe as condições para formas emergentes e frequentemente abundantes de sobrevivência. Ao fazer isso, o artigo aborda a questão sobre como darmos conta das formas de vida que surgem após o declínio da alta modernidade sem relacioná-las a narrativas de redenção ou a estruturas de esperança e desespero. Ao reconhecermos os limites do progresso industrial e do capital baseado no crescimento, lugares onde o sonho acabou e cujos habitantes estão encontrando formas de viver através de sua transformação oferecem “ontologias práticas” emergentes baseadas em manutenção, bricolagem e necessidade (PAPADOPOULOS, 2018).

Quando nos confrontamos com uma situação como esta, é convidativo contarmos uma história de declínio, perda, nostalgia, ou vemos formas de vida pós-industriais como narrativas de redenção, buscando casos emblemáticos de pós-capitalismo que floresceriam nas ruínas (cf., p. ex., JONES, 2019; TSING et al., 2017). Em Visaginas, como em outros lugares, a história não é nem uma narrativa

de perda e desespero, nem de redenção e esperança. Ao contrário, é um relato sobre como construir sentido, como fazer e usar os recursos disponíveis para forjar vidas e futuros. A vida após a crise da infraestrutura resiste tanto em seus restos materiais quanto nos modos pelos quais as vidas que foram moldadas por sua promessa dão sentido ao, e constroem significado no presente. Como um encontro de humanos e não-humanos na construção de um lugar, as infraestruturas organizam mundos através da materialidade, do afeto e da imaginação. Elas oferecem recursos para o que o antropólogo Felix Ringel (2014) chamou de práticas de resiliência: uma política prática que opera contra a narrativa de progresso, contra o ordenamento biopolítico da vida que torna algumas populações anacrônicas e descartáveis, mantendo condições de vida apesar das forças que tentam impedi-la. Estas práticas de resiliência se manifestam como um compromisso com o lugar.

Eu visitei Visaginas pela primeira vez quinze anos após o anúncio do fechamento da usina nuclear. Durante este tempo, seus habitantes sofreram um choque, um pesar, uma sensação de desorientação e a experiência de “perder uma mãe”. A cidade tem testemunhado ondas de emigração, à medida que as pessoas se beneficiam do livre-comércio com a adesão à União Europeia à qual o descomissionamento da usina foi atrelado. Logo que o fechamento da usina foi anunciado, uma geração inteira de jovens partiu. Agora, poucos crescem com a ideia de que permanecerão na cidade. O aprendizado de idiomas é encorajado como preparação para estudar e trabalhar em outros lugares. Recentemente, alguns voltaram para trazer suas crianças ou para desfrutar do ritmo relaxante de vida. Outros migram entre Visaginas e centros urbanos na Alemanha e outras partes da Europa. Este artigo testemunha uma conjuntura temporal particular em processos de desindustrialização, de transição pós-soviética e de europeização, acompanhando a vida após a modernidade nuclear tal como experimentada e sentida por aqueles que sobrevivem em meio ao fracasso de sua promessa.

Esta pesquisa foi realizada em quatro visitas de campo à cidade ao longo de dois anos, durante os quais realizei trabalho etnográfico e entrevistas e colaborei com dois fotógrafos, Laurie Griffiths e Jonty Tacon e, também, com um projeto de teatro, chamado “Green Meadow”, que foi produzido com o Teatro Nacional da Lituânia³. Eu realizei entrevistas com vinte residentes e três ex-residentes de

³ Para mais informações sobre o projeto de teatro, ver Dawney (2020b) e acessar https://www.teatras.lt/en/productions/a_green_meadow_a_play_based_on_stories_told_by_workers_of_ignalina_nuclear_power_plant_and_residents_of_visaginas/

Visaginas e acompanhei os participantes da pesquisa em suas atividades diárias.

A estética política da infraestrutura

Uma discussão recente em Geografia Humana, Estudos de Ciência e Tecnologia e, particularmente, na Antropologia Social tem prestado atenção não apenas às articulações materiais, técnicas e sistêmicas da infraestrutura, mas também às formas culturais e políticas de vida que elas geram. Como tecnologias políticas que fazem um trabalho poderoso na formação de coletividades e comunidades políticas, as políticas de infraestrutura são tanto simbólicas e afetivas quanto técnicas. Conforme Brian Larkin deixa claro, a estética infraestrutural produz experiência, e nossa relação afetiva com infraestruturas é sempre parte de seu efeito político (LARKIN, 2013, p. 334). Sua “insuportável modernidade” é tão generativa quanto os fluxos materiais que ela facilita: infraestrutura significa progresso, poder e responsabilidade (LARKIN, 2013).

Como objetos materiais-semióticos, formas infraestruturais podem funcionar como representações, objetos em torno dos quais afetos, ideias e formas de vida coalescem e remetem para além de si (LARKIN, 2018; DAWNEY, 2018; SCHWENKEL, 2018). As visibilidades e palpabilidades de grandes obras de infraestrutura atuam como formas estéticas poderosas, referindo-se a ideias de progresso, poder, modernidade, esperança ou desespero. As infraestruturas material e humana em Visaginas encarnavam o sonho nuclear soviético: elas proporcionaram prestígio, qualidade de vida e orgulho com o trabalho. Diante da expropriação das condições de vida, prestígio e identidade, o pertencimento e o compromisso em relação a estas infraestruturas se baseia nos legados de sua promessa.

Além desta virada analítica na direção da estética política da infraestrutura, o seu funcionamento como um conceito heurístico também surgiu, e com ele uma expansão do conceito, particularmente a partir das contribuições de Berlant (2016) e McCormack (2017). Lauren Berlant descreve a infraestrutura como “aquilo que nos liga a um mundo em movimento e mantém o mundo praticamente ligado a si mesmo” (BERLANT, 2016, p. 394). Ela expande o conceito de infraestrutura em resposta à pergunta sobre o que mantém um lugar coeso diante do declínio da infraestrutura, da desindustrialização e do encolhimento do Estado de bem-

estar social. As infraestruturas discutidas por Berlant são improvisadas e muito humanas, elas representam maneiras de “administrar o provisório” (BERLANT, 2016, p. 394), encontrando formas de se permanecer “vinculado ao ordinário”.

Estes entendimentos ampliados de infraestrutura certamente nos fornecem profundidade e riqueza conceitual. Porém, a redefinição de infraestrutura como um campo generativo corre o risco de expandir o conceito de tal forma que ele pode se tornar demasiado amplo e perder em precisão. Há um perigo em operar a partir de tantos registros, pois pode-se nivelar as topologias políticas das infraestruturas em meio à capa de emaranhados e conexões, perdendo-se assim a apreensão das densidades relativas de poder e as temporalidades pelas quais elas operam. Decerto, este conceito ampliado permite um enfoque sobre aquilo que mantém os lugares coesos, mas somente se trouxermos à tona as histórias e políticas específicas dos espaços que eles abordam. A história e a política nucleares específicas de Visaginas, sua identidade pós-soviética e o status de “outsider” na Lituânia dispõem as condições para uma recalibragem de suas infraestruturas, moldando formas sociais, materiais e práticas de vida. Enquanto o sonho análogo de Larkin da “insuportável modernidade” pode estar se esvaindo à medida em que os residentes da cidade estão se conformando ao descomissionamento da usina nuclear, as formas de vida que o sonho propicia permanecem como ajuntamentos infraestruturais que dão forma a modos de vida e ação.

Ecoando o chamado de Jensen e Morita para pensar infraestruturas como “sistemas experimentais abertos que geram ontologias práticas emergentes”, o caso de Visaginas pode nos ajudar a pensar sobre as múltiplas temporalidades das infraestruturas. Se as infraestruturas forem vistas como objetos processuais em vez de fixos, podemos fazer jus à sua dinâmica mutante, apontando para a duração de algumas formas e o declínio de outras. Assim, no espaço deixado para trás pelo declínio das infraestruturas instituídas através das quais a modernidade soviética moldou vidas e mundos, modos de fazer de fato emergem e respondem a uma necessidade de continuar vivendo através da destruição do progresso da modernidade, baseando-se nas suas promessas perdidas de uma boa vida.

Atentar para as múltiplas temporalidades da infraestrutura e suas ontologias mutantes pode revelar o papel que elas exercem como condição, reunião e terreno para formas de vida pós-progresso. Hetherington (2016) aponta para o funcionamento das promessas de infraestrutura que posicionam

os tempos presentes como futuros perfeitos. Em Visaginas, onde as promessas infraestruturais nunca serão usufruídas, e a própria fonte da promessa não existe mais, a invocação do futuro perfeito é invertida, pois que o futuro anterior, ou a “memória de futuros perdidos” para usar a expressão de Mark Fisher, se torna um meio pelo qual a promessa futura da infraestrutura permanece (FISHER, 2014). Em outras palavras, os restos da promessa perdida, que é a pedra-de-toque da utopia soviética evanescente, fornecem fundamentos para a construção prática de novas ontologias infraestruturais.

Em *Fantasma da minha vida*, Fisher retoma a espectrologia derridiana como um gênero cultural que reivindica e se reapropria das memórias dos futuros perdidos do pós-guerra. O sonho analógico assombra o presente, reaparecendo e performando esta perda e fornecendo recursos para novas formas que podem nos ajudar a recompor o que importa. O mundo de Fisher é assombrado pelo “ainda não do futuro que o modernismo nos ensinou a esperar, mas que nunca se concretizou” (2014, p. 27). No meu trabalho de campo, as memórias dos futuros perdidos são centrais à recomposição prática das infraestruturas de Visaginas. Os traços materiais, afetivos e práticos da promessa nuclear soviética são reformulados para permitir articulações emergentes da vida e da matéria e a orientação prática para o presente, o que é posto em prática forjando projetos alternativos de vida pós-progresso.

Vínculos atômicos

Enquanto a usina é desativada, ela e a cidade permanecem como legados não apenas do sonho atômico soviético, mas também do compromisso com o lugar daqueles que ficaram lá: A vontade deles de resistir e encontrar formas de continuar a vida. Esta ligação com a cidade pode ser compreendida ao se considerar algumas das especificidades de sua construção. A cidade, assim como a usina, foi construída por seus residentes ou pelos pais deles; o sonho era deles, inscrito em seus corpos por anos de trabalho e dedicação ao projeto. Como uma nova cidade, construída entre anos 1970 e 1980, muitas pessoas ou seus pais estavam morando em Visaginas durante a sua construção e da usina nuclear. Muitas delas estavam envolvidas no processo de construção, pois pessoas foram alocadas na cidade para construí-la e trabalhar na usina depois. A cidade e a usina estavam ainda passando por uma

rápida construção e expansão até o colapso da União Soviética.

As ruas de Visaginas ofereciam uma lembrança concreta do trabalho pesado, das esperanças e do investimento na construção de um lugar e um senso de proteção e nostalgia pelas culturas nucleares transnacionais que atualizavam o sonho da utopia socialista. Além disso, a sua comunidade relativamente insular reforça ligações globais e conexões com o lugar. Emigrantes morando em outras partes da Europa e dos Estados Unidos se encontram através das mídias sociais.

Há grupos de Facebook, mobilizações massivas de grupos em rede e confraternizações de fim de ano em que as pessoas se encontram onde quer que estejam. As pessoas amam isso; elas têm essa ideia de que é melhor gastar dinheiro em Visaginas do que em Vilnius; quando elas vêm como turistas, elas preferem se divertir aqui ao invés de outros lugares.

Meus amigos em Munique têm bons empregos. O marido da minha amiga trabalha para a Google, mas eles estão voltando para cá e estão planejando construir uma casa e retornar. É sempre 'Visaginas, Visaginas'.

(Nina, uma profissional que retornou do Reino Unido para Visaginas quando estava na casa dos 30 anos).

Como um enclave de falantes de russo na Lituânia, os habitantes de Visaginas tendem a permanecer juntos. A cidade é vista como estranha por muitos lituanos por causa de sua composição étnica e de sua nuclearidade.

Nós somos uma comunidade muito insular – não somos russos para a Rússia, não somos lituanos para a Lituânia; nós somos um tipo de lugar muito especial. Quanto às últimas questões, mesmo quando a usina nuclear ainda estava funcionando as pessoas de Vilnius e Kaunas pensavam que nós éramos pessoas verdes, radiantes, radioativas

(Katya, mulher, na casa dos 20 anos, retornou à Visaginas para formar família após fazer universidade no Reino Unido).

Uma mulher com quem conversei, que agora mora em Vilnius, capital da Lituânia, descreveu como ela baixava a voz quando dizia às pessoas de onde era – ela sentia vergonha, o que a deixava tímida em falar sobre o assunto. Mas esta insularidade e esta suspeita dos que são “de fora” criam laços afetivos fortes entre aqueles que vêm da cidade, fornecendo apoio e capital social quando eles estão fora e um poderoso senso de terra-natal que alimenta o investimento na, e o cuidado pela cidade.

Culturas de nuclearidade

Sonhos de progresso habitam as visibilidades das infraestruturas de energia e o desenho urbano de Visaginas. De fato, andar na Usina de Energia Nuclear de Ignalina é encontrar o sublime tecnológico em primeira mão. O lugar é imenso, com cerca de quatro quilômetros quadrados e suas icônicas hélices de ventilação, que alcançam cinquenta metros de altura, são visíveis na cidade, a oito quilômetros de distância. Descrita como um “grande dragão morto” por um dos meus interlocutores, sua presença pervasiva assombra o cotidiano, um fundo ubíquo para a vida cotidiana.

Há canais altamente visíveis entre a usina e a cidade - dutos subterrâneos, cabos de energia e estradas tornam visível a indivisibilidade de pessoas e instalações. Essas rotas de infraestrutura seguem percursos de atividade humana e material, à medida que corpos se moviam entre lugares e a água quente do sistema de aquecimento da usina fornecia o aquecimento dos apartamentos. Atualmente os moradores têm que pagar por água quente e aquecedor, mas estes tubos permanecem como reminiscências da abundância e da estabilidade de outrora.

Nomes de ruas também ecoam esse telos nuclear: Energetikų gatvė, ou Rua da Energia, é uma das principais vias públicas. Há sinais ao lado dos prédios e as estradas são largas para o caso da necessidade de evacuação rápida. As crianças brincam em escorregos que se assemelham a nêutrons se separando de um átomo. As pessoas se reúnem todo ano para lembrar o aniversário do desastre de Chernobyl. Gabriele Hecht (2012) entende a nuclearidade como a inscrição tecnopolítica do excepcionalismo nuclear em espaços particulares. Mas essas articulações de nuclearidade também produzem uma nuclearidade cultural onde as indústrias nucleares e suas formações de segurança, energia e prática conduzem a formas de vida. Vitrine para formas de vida socialistas, Visaginas foi construída com base na promessa da boa vida assegurada pela energia nuclear. Como tal, seus moradores foram corporificações do sonho do progresso. Suas vidas testemunham a promessa da energia nuclear e da abundância da República Soviética.

A alta proporção de engenheiros, físicos e técnicos vivendo em Visaginas significa que as culturas de ciência e tecnologia são evidentes em toda a cidade, nas competições que ocorrem semanalmente no café, no instituto de robótica da faculdade de tecnologia e nas conversas nas ruas. A escola local é uma das mais

bem conceituadas da Lituânia e seus alunos ganham regularmente olimpíadas de matemática e de ciências. Kristina, administradora e mãe solo, descreve sua própria ambição e a da escola assim:

Nós sempre tivemos essa ideia de que nossa escola é a melhor, talvez pelo fato de que quando eles fazem essas olimpíadas, por exemplo de matemática, olimpíadas de física ou química, e quando as crianças de nossa escola vão para as competições nacionais elas algumas vezes alcançam posições avançadas, então a gente meio que pensa, pois é, nós somos bons porque quando você compara com as escolas de Vilnius, você vê que Visaginas não está assim tão abaixo. Nós estamos indo bem.

A prefeitura local aderiu a esta disposição, mantendo recursos para serviços e pessoal excelentes, um legado das abordagens soviéticas ao cuidado das crianças e com educação, às tecnoculturas da cidade. Muitos daqueles que cresceram em Visaginas lembram de uma infância idílica que propiciava oportunidades excepcionais para o desenvolvimento intelectual, pessoal e criativo. Como resultado, muitos dos que se mudaram inicialmente voltaram para educar suas crianças na cidade, a fim de que elas se beneficiem dessas infraestruturas espaciais, culturais e educacionais. Inclusive, a educação infantil se tornou um projeto de vida alternativo para aqueles cuja garantia de trabalho na usina ou a promessa de fazer a vida alhures não se realizou. Como uma incubadora para a excelência criativa, em atividades esportivas e intelectuais, as escolas, os clubes e os serviços culturais e de lazer em Visaginas fornecem infraestruturas duradouras para a reprodução social e cultural, capacitando os jovens com habilidades e conhecimentos para a vida móvel da modernidade tardia.

Resiliência infraestrutural

A comunidade unida e as redes de emigrantes em Visaginas propiciam as condições para a mobilidade. Como uma informante comentou, o fechamento da usina nuclear durante sua primeira infância significou que, diferente das gerações anteriores cujos futuros foram mapeados pela existência da usina, os futuros dela e de seus pares foram excluídos e substituídos pela necessidade de olhar para as oportunidades abertas pela expansão europeia. Uma escola de línguas foi aberta na cidade, e os jovens são encorajados a se planejarem para trabalhos além da indústria nuclear.

Aqueles que retornaram a Visaginas discutiram como a vida aqui era

diferente em relação à vida de trabalho nas grandes cidades europeias, nas quais aluguéis caros e trabalho precário significam longas e lentas horas de deslocamentos diários e tempo longe da família e dos amigos. Com seu custo de vida mínimo e um ritmo de vida calmo, Visaginas era um lugar onde eles poderiam investir seu tempo em estudo, criatividade e lazer com outras pessoas, ao invés de uma vida de trabalho pesado e precário. Visaginas tem pouco valor de gentrificação e a moradia barata é com certeza um fator que contribui para as formas de vida projetadas aqui. Algumas pessoas encontraram formas de trabalhar remotamente na cidade. Isto foi facilitado pela instalação de uma incubadora de negócios. Outros se movem entre trabalhos de meio expediente, deslocando-se a outras cidades para contratos de curta duração, ou pegam qualquer trabalho local disponível. O baixo custo de vida significa que há tempo para os tipos de atividade que constituem aquilo que Papadopoulos chama “mais que movimentos sociais”, ou seja, práticas que “criam as condições para a articulação de imaginários e práticas alternativas que substituem o poder instituído e geram modos alternativos de existência” (Papadopoulos, 2018, p.198). Estas práticas constroem a vida em comum por meio de um compromisso compartilhado com a criação e a prática material. O espaço de arte e para a juventude Tochka, onde eu foquei minha quarta estadia em Visaginas, é um exemplo disso. Trata-se de um prédio de cinco pavimentos no centro da cidade, doado pela prefeitura. O espaço é uma espécie de *hub* para algumas *startups* e pequenos negócios, um ponto de encontro, um espaço para ensaio de música e arte, e a sede de um clube. Sobretudo, as pessoas usam o espaço para tocar música e jogar *games*, para conversar e tomar chá.

Os jovens que frequentam a Tochka sentem que há algo especial na cultura da cidade. Tanto a familiaridade, quanto o que eles sentem como sendo a especificidade e o ‘status especial’ da cidade fazem com que eles queiram ficar. Os baixos custos de moradia e a falta de uma cultura de consumo implica que há pouca pressão para trabalhar duro ou gastar dinheiro. Porém, por causa da densidade populacional relativamente alta, da abundância de espaços públicos e da manutenção de clubes e de espaços comunitários, ainda há lugares para se divertir.

Visaginas forma um *locus* em torno do qual práticas de compromisso e resistência coalescem. Os recursos sociais que o seu passado soviético oferece são possíveis em parte por causa do compromisso dos residentes com a manutenção de uma comunidade vital. Diferente das infraestruturas decadentes de Berlant,

as de Visaginas estão prosperando, particularmente por causa do investimento contínuo das autoridades locais nesses espaços, por não haver incentivo para que se venda tudo e por conta do tempo e da dedicação devotadas a essas práticas de duração. Uma proporção alta de pessoas aposentadas ou semi-aposentadas, assim como de pessoas que trabalham meio expediente, combinada com um ethos de dever e com a disponibilidade de prédios modernistas práticos, cívicos, tudo isso proporciona essa prosperidade. Jelena, uma mulher em seus cinquenta anos e que trabalhou na usina nuclear, assim resume o desejo de criar esses espaços para “formas alternativas de existência cotidiana”:

Quando uma pessoa considera esse lugar sua casa e não é indiferente ao que acontece no entorno, ela agirá, graças ou apesar de algo, pois como nós vemos, nossas autoridades, quaisquer autoridades, qualquer governo, em qualquer país, nunca dará apoio total. Assim, quando as pessoas agem, se movem, se juntam, se unem mesmo fora das estruturas do Estado em grupos de pintores, em teatros, isso também é muito bom. Isso é bom para a cidade, cria uma outra aura e ativa outra vida. Esta é uma questão de patriotismo. Quando você vive em uma terra que você considera sua segunda pátria mãe, você se esforçará por ela.

Práticas de resiliência são uma forma de agência temporal, uma “reapropriação prática do futuro próximo” (Ringel, 2014, p.54) que resiste ativamente à erosão de estruturas de vivência. De fato, Ringel (2018) sugere que a indeterminação do presente pode encorajar ativamente este tipo de agência. Maria coloca a questão assim:

Eu não vou desistir. Como eu posso largar isso tudo que eu criei? Quando você conhece e sente cada objeto fica pensando: se eu for, haverá alguém interessado nessas coisas e cuidará delas, ou tudo será destruído? Então, enquanto eu estiver aqui, tudo isso continua aqui.

Mas o fato, que foi trazido com valores sólidos, eu acho, nos deu uma possibilidade, nos ajudou a encarar o desafio, a não desistir; estávamos todos tentando encontrar uma forma de viver, de existir.

Mais que apenas o trabalho que mantém os prédios em sua funcionalidade, as ruas limpas e os espaços públicos úteis, isto inclui trabalho voluntário e comunitário despendido para manter a vida vivível, ou práticas de cuidado que mantêm a socialidade e a interdependência e afasta a solidão e a depressão. Infraestruturas culturais, materiais e imaginativas persistem através de sua manutenção, de relações em andamento com as promessas do passado de um processo de valorização, de se apegar e de se adaptar ao que veio antes contra o

porvir do futuro. Esta política da resiliência é muito mais viva em Visaginas, na dedicação à manutenção da cidade e às infraestruturas social e material no contexto de seu desmanche como cidade atômica. Isto é feito não tanto preservando-se um passado glorioso, mas em termos da identificação do valor, da especificidade e do bem de um lugar, esforçando-se para manter aquelas infraestruturas no lugar. As memórias de futuros perdidos que assombram estas práticas mantêm vivo o sonho utópico da socialidade e da boa vida, orientando práticas de resiliência. As infraestruturas generosas de Visaginas – sua articulação espacial, sua forte coesão social e serviços locais – tanto ensejam essas memórias quanto fornecem fundamentos para mundos pós-progresso.

Conclusão

A ubiquidade da nuclearidade cotidiana em Visaginas, suas culturas de conhecimento, ciência e tecnologia, seus bairros planejados fornecem recursos poderosos para uma política de resiliência. A memória cultural também é fundamental: em comparação com outras partes da União Soviética, a vida em Sniečkus, como era formalmente conhecida, foi boa para a maioria das pessoas. Os sonhos de uma boa vida - de igualdade, sociabilidade, espaço público comum, trabalho significativo e dotado de propósito, acomodações habitáveis e excelente educação – estão representados nas reminiscências de infraestrutura da *atomgrad* sobre as quais os residentes contemporâneos de Visaginas investem suas vidas.

Ainda há nostalgia pela *atomgrad*, mas já se passaram anos. A perda e o choque se transformaram em uma orientação prática para o valor do lugar e sua especificidade. A infraestrutura funciona aqui como uma reunião afetiva, material, atmosférica e corpórea. Ela se agrupa a uma ideia que é mais que a soma de seu povo e esta ideia é materializada através de edifícios, objetos, árvores e lagos. Infraestruturas mediam e geram formas de vida e experiência que mantêm um mundo contra o colapso, dando substância aos meios para se continuar vivendo.

Para Berlant, infraestruturas mediam a organização da vida, já que são as estruturas material, social e afetivas que nos movem em direção ao suportável. Elas sustentam um público, ou encontram uma nova maneira de preencher a aporia de sua erosão. Em seu próprio exemplo, o capitalismo de austeridade dos EUA abre uma perda no presente que precisa ser conectada ou corrigida para ser habitável, e infraestruturas afetivas apontam não para o que está por vir, mas oferecem meios

para perseverar em um mundo danificado. As infraestruturas de Berlant emergem no desarranjo daqueles antigos sistemas de solidariedade, como arranjos frágeis de corpos que tentam sobreviver em um mundo neoliberal precário e danificado. Em Visaginas, porém, o quadro é diferente. Uma confluência da história corporificada, arranjos espaciais, formas soviéticas residuais de sociabilidade e culturas de nuclearidade fornecem formações infraestruturais generosas que apontam para modos de vida emergentes no “canteiro de obras inacabado de Fausto” (BERMAN, 1983)⁴. A promessa de infraestrutura materializada através dos projetos esperançosos de construção do socialismo soviético de Estado durante os anos 1970 e 1980 deixa um rastro, tanto na memória cultural dos habitantes de Visaginas, quanto nas infraestruturas que sobrevivem ao descomissionamento da usina nuclear.

Com o declínio de narrativas do progresso e o recuo de projetos estatais de construção, na fase de eliminação tecnológica gradativa que é característica tanto dos ciclos de criação/destruição da modernidade quanto da retirada de formas de bem-estar lideradas pelo Estado e do planejamento centralizado, esses restos de infraestrutura geram condições para um tipo de agência de baixo para cima. Eles se baseiam nos sonhos utópicos e nas fantasias modernistas que lhes deram origem, mas as reorientam para novas ontologias de infraestrutura. Os restos de megaplanos excessivos sobrevivem. Sua destruição material não apaga sua promessa. Os restos de infraestrutura, tanto arquitetônicos quanto humanos, materiais e imaginários, são reorientados para práticas de dever, cuidado e dedicação ao lugar. Eles participam de uma política de resiliência, uma política que permite àqueles que residem nas ruínas dessas fantasias praticarem uma espécie de bricolagem, adotar um processo de reconhecimento coletivo do que fez e pode manter um lugar coeso e lutar pela manutenção de uma vida vivível em face de sua lenta decadência. O antropoceno nuclear existe não apenas em partículas radioativas, radiação e mutação, mas também nas formas como os participantes de seu projeto esculpem vidas em mundos formados pela divisão do átomo.

Referências

ANAND, N. A public matter: Water, hydraulics, biopolitics. In: ANAND, N.; GUPTA, A. and APPEL, H. (eds). **The Promise of Infrastructure**. Durham and London, Duke University Press, 2018, p. 155–172.

⁴.Ver Dawney (2020a) para mais elaborações sobre essas condições.

BALOCKAITE, R. **Coping with the unwanted past in planned socialist towns: Visaginas, Tychy, and Nowa Huta.** *Slovo*, 2012, 24: 41–60.

BAUBINAS, R. and BURNEIKA, D. Social Consequences of Closing the Ignalina NPP. *Geografija*, 2001, 37: 69–75.

BERLANT, L. (2016) The commons: Infrastructures for troubling times. *Environment and Planning D: Society and Space*, 2016, 34: 393–419.

BERMAN, M. **All That is Solid Melts into Air: The Experience of Modernity.** Brooklyn, NY, Verso, 1983. [Tudo que é sólido desmancha no ar, trad. bras. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo, Companhia de Bolso, 2007.]

BROWN, K. L. **Plutopia: Nuclear Families, Atomic Cities, and the Great Soviet and American Plutonium Disasters.** New York, Oxford University Press, 2013.

DAWNEY, L. Figurationing. In: UPRICHARD, E.; LURY, C; FENSHAM, R. et al. (eds). **Routledge Handbook of Interdisciplinary Research Methods.** London, Routledge, 2018.

DAWNEY, L. Decommissioned places: Ruins, endurance and care at the end of the first nuclear age. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 2020a.

DAWNEY, L. Dramatising deindustrialisation. In: PRICE, W.; Rhodes, M. and WALKER, A. (eds). **Geographies of Post-Industrial Memory, Place, and Heritage.** London, Routledge, 2020b.

FISHER, M. **Ghosts of my Life: Writings on Depression, Hauntology and Lost Futures.** Winchester, UK, John Hunt Publishing, 2014. [Fantasmas da minha vida: Escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos, trad. bras. Guilherme Ziggy. São Paulo, Autonomia Literária, 2022].

HARVEY, P. and KNOX, H. The enchantments of infrastructure. *Mobilities*, 2012, 7: 521–536.

HECHT, G. **Being Nuclear: Africans and the Global Uranium Trade.** Cambridge, MA, MIT Press, 2012.

HETHERINGTON, K. Surveying the future perfect: Anthropology, development and the promise of infrastructure. In: **Infrastructures and Social Complexity.** London: Routledge, 2016, p. 58–68.

JENSEN, C. B. and MORITA, A. Introduction: Infrastructures as Ontological Experiments. *Ethnos*, 2017, 82: 615–626.

JONES, B. M. (Com)Post-capitalism: Cultivating a more-than-human economy in the Appalachian Anthropocene. *Environmental Humanities*, 2019, 11: 3–26.

KIRKSEY, S. E.; SHAPIRO, N. and BRODINE, M. Hope in blasted landscapes. *Social Science Information*, 2013, 52: 228–256.

KOHN, M. Dreamworlds of deindustrialization. *Theory & Event*, 2009, 12.

LARKIN, B. The politics and poetics of infrastructure. *Annual Review of*

Anthropology, 2013, 42: 327–343.

LARKIN, B. Promising forms: the political aesthetics of infrastructure. In: ANAND, N.; GUPTA, A. and APPEL, H. (eds). **The Promise of Infrastructure**. Durham, Duke University Press, 2018, p. 175–202.

MASCO, J. **The Theater of Operations: National Security Affect from the Cold War to the War on Terror**. Durham, Duke University Press, 2014.

PAPADOPOULOS, D. **Experimental Practice: Technoscience, Alterontologies, and More-than-Social Movements**. Durham, NC, Duke University Press, 2018.

PITKANEN, L. and FARISH, M. Nuclear landscapes. **Progress in Human Geography**, 2018, 42: 862–880.

RINGEL, F. Post-industrial times and the unexpected: Endurance and sustainability in Germany's fastest-shrinking city. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, 2014, 20: 52–70.

RINGEL, F. The production of indeterminacy: On the unforeseeable futures of postindustrial excess. In: ALEXANDER, C. and SANCHEZ, A. (eds). **Indeterminacy: Waste, Value, and the Imagination**. Oxford, Berghahn, 2018, p. 68–88.

ROBBINS, J. Beyond the suffering subject: Toward an anthropology of the good. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, 2013, 19: 447–462.

SCHWENKEL, C. (2018) The current never stops: Intimacies of energy infrastructure in Vietnam. In: ANAND, N.; GUPTA, A. and APPEL, H. (eds). **The Promise of Infrastructure**. Durham and London, Duke University Press, 2018, p. 102–129.

ŠLIAVAITE, K. 'Homeland is where everything is for the people': The rationale of belonging and citizenship in the context of social uncertainty. In: KNUDSEN, I. H. and FREDERIKSEN, M. D. (eds). **Ethnographies of Grey Zones in Eastern Europe: Relations, Borders and Invisibilities**. New York, Anthem Press, 2015, p. 107–122.

TSING, A. L.; BUBANDT, N.; GAN, E. et al. **Arts of Living on a Damaged Planet: Ghosts and Monsters of the Anthropocene**. Minneapolis, MN, University of Minnesota Press, 2017.

WAGNER, P. **Progress: A Reconstruction**. Cambridge: Polity, 2016.

WENDLAND, A. V. Inventing the Atomograd. Nuclear urbanism as a way of life in Eastern Europe, 1970-2011. In: BOHN, Thomas et al. (eds). **The Impact of Disaster: Social and Cultural Approaches to Fukushima and Chernobyl**. Berlin: EB Publishers, 2015, p. 261–287.